



Isolino Vaz

## **SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS – 2024** (Lucas 10,25-37)



Homilia do Rev. JAIME DIAS, na Serra do Pilar.

Que as palavras da minha boca e a meditação dos nossos corações sejam agradáveis perante Ti, Senhor, nossa Rocha e nosso Libertador. *Ámen.*

Queridas Irmãs e Queridos Irmãos em Cristo,

Que a Paz e o Amor de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam com todos nós. *Ámen.*

É, PARA A COMUNIDADE DE S. JOÃO EVANGELISTA EM GERAL, E PARA MIM em particular, uma verdadeira alegria estarmos hoje aqui, louvando, orando e cantando ao Senhor das nossas vidas, ao Deus Criador, ao Deus Redentor, e ao Deus Consolador; ou seja, ao Deus Trino e Uno, Pai, Filho e Espírito Santo.

O material para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos foi, para este ano de 2024, preparado por uma equipa ecuménica de um país em geral pouco conhecido entre nós: Burkina Faso.

Trata-se de um país da África ocidental, com cerca do dobro da área de Portugal e também com cerca do dobro da população de Portugal. Burkina Faso tem 21 milhões de habitantes; destes, 26% são cristãos, sendo 20% católicos e 6% protestantes. 64% da população (a maioria) são muçulmanos.

Num país que atravessa uma grave crise de segurança, os grupos cristãos têm sido alvo de ataques de morte e de sequestro, havendo já diversas regiões onde não é possível a prática do Culto cristão público, onde as Igrejas têm as portas fechadas.

Ora, entendamos que foi neste cenário de privação da liberdade religiosa e de constante perigo de morte, que estes nossos irmãos cristãos foram desafiados a preparar os materiais para as nossas reflexões e celebrações desta Semana de Oração pela Unidade.

Estes nossos irmãos, oriundos de várias confissões cristãs, afirmam que o Amor de Deus é mais forte do que qualquer divisão, do que qualquer particularidade que os possa separar; eles identificaram o que têm em comum tendo por base o texto de João 3,16 – *“Deus amou de tal modo o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna.”*

O Amor é, pois, o “ADN” da fé cristã; e estes nossos irmãos afirmam que estão confiantes de que o amor de Deus vencerá a violência que atualmente aflige o seu país.

Que grande exemplo de fé para nós, que podemos exercer o nosso louvor a Deus em plena liberdade!

Eles que viram, e continuam a ver, muitos irmãos serem maltratados e mortos; que sabem que a sua vida pode estar em risco em qualquer altura, fruto da violência que reina no país; foram convidados a meditar sobre um texto de alguém inocente que também foi maltratado por desconhecidos; escolheram a passagem da nossa conhecida parábola do “Bom Samaritano”.

Nela, o doutor da Lei - que segundo o evangelista questiona Jesus com o objetivo de o querer experimentar - sabia a Lei de cor e salteado. “Respondeste bem”, diz-lhe Jesus; “Faz isso e viverás” – Pratica a Lei, não te fiques por uma ortodoxia estéril, ou seja, por uma reta doutrina, mas que não produz frutos.

É como se hoje Jesus nos dissesse: “Sabes recitar o Pai Nosso, sabes recitar o Credo, conheces muitas passagens da Escritura... mas não te fiques com o conhecimento teórico – pratica a doutrina que aprendeste”.

- Pratica a doutrina que aprendeste!

Mas o doutor da Lei não se fica e, querendo-se justificar, pergunta a Jesus: “Mas quem é o meu próximo?”

- “Quem é o meu próximo?”

Jesus, o Mestre, o pedagogo, não lhe dá uma resposta objetiva, antes conta-lhe uma parábola, algo que o leva a pensar, algo que NOS LEVA A PENSAR a nós também, a nós e aos cristãos de todos os tempos e lugares.

Sabemos que a ironia de Jesus com o poder religioso da época sempre foi uma constante durante o Seu ministério terreno. Isso também acontece nesta parábola: Jesus refere um sacerdote judeu e um levita (funcionário do templo) que, vendo o homem ferido, passam para o outro lado da estrada. Estariam com pressa? Ficaram com medo de ser assaltados? Teriam medo de ficarem impuros por tocar num moribundo?

Jesus não explica. Diz, sim, que por lá passou também um samaritano, que teve imensa compaixão e tratou do ferido. Tratou de forma eficaz, como hoje se diria.

Os que sabiam a lei de cor nada fizeram para pôr em prática o mandamento do Amor ao próximo. Teve de ser o “impuro” de um samaritano, o malvisto e mal-amado pelos judeus, a mover-se de profunda compaixão pela vítima e a valer-lhe, enquanto os responsáveis religiosos fizeram vista grossa e passaram ao largo.

- Pergunto: - E se fosse um de nós, o que faria?

Sejamos sinceros: - E se fosse um de nós, o que faria?

Irmãos: é muito fácil colocarmo-nos ao lado do samaritano, mas será verdade que assim agiríamos? Será que é assim que temos agido nas nossas vidas? Não teremos também nós agido, por vezes, como o sacerdote ou o levita?

Não querer tocar no ferido, não arriscar a também ser assaltado, faz parte da nossa natureza. É que ir ao encontro dos que sofrem, pode-nos lembrar os nossos próprios sofrimentos, pode-nos lembrar os nossos próprios medos, impedindo-nos, muitas vezes, de agir.

Irmãos: Só com Jesus verdadeiramente em nosso coração e com a força do Espírito Santo que em nós habita, nos poderemos “aventurar” em práticas de “compaixão”, mais ou menos arriscadas.

Escreveram os nossos Irmãos de BURKINA FASO:

“Os cristãos são chamados a agir como Cristo, amando como o Bom Samaritano, mostrando misericórdia e compaixão para com os necessitados, independentemente da sua identidade religiosa, étnica ou social.

A visão de amor ao próximo que Jesus nos apresenta está a ser ameaçada no mundo atual. As guerras em muitas regiões, os desequilíbrios nas relações internacionais e as desigualdades geradas pelos ajustes estruturais (...) inibem a nossa capacidade de amar como Cristo amou. É aprendendo a amar uns aos outros, independentemente das nossas diferenças, que os cristãos se podem tornar próximos como o samaritano da parábola.”

E, agora, nós.

Certa vez ia um sacerdote (um sacerdote bom, não como os que passam ao largo) a passear pela Rua Afonso de Albuquerque, aqui em Gaia, e viu um templo e uma placa identificativa da confissão cristã. Teve a ousadia de tocar a uma campainha e foi falar com o responsável pastoral dessa paróquia; e fez-lhe uma pergunta; não para o experimentar (como o doutor da parábola), mas porque o desejo, a vontade de fazer algo em comum brotava sincera do seu coração: “duas Igrejas cristãs aqui tão próximas, por que não fazemos uma atividade em conjunto? Uma atividade, nem que seja APENAS Rezar o Pai Nosso em conjunto” ...

Como certamente já perceberam, estou a falar do sr. PADRE ARLINDO DE MAGALHÃES e do REV. CÓNEGO OCTÁVIO GUEDES COELHO. As reuniões de Oração começaram e foram mantidas regularmente todos os meses, à terceira quinta-feira de cada mês – alternando ora na Serra, ora no Torne. E duraram anos e anos ... e décadas. Durante um certo tempo, foram, inclusivamente, concelebrações eucarísticas, tendo-se, por diversos motivos, regressado ao modelo de encontros de oração.

Faz hoje 1 ano que o sr. PADRE ARLINDO foi chamado para junto do Pai; e, fará amanhã 1 ano, que estivemos aqui no seu funeral – nós e muitos, muitos outros e outras. A quantidade de pessoas presentes de fora desta Comunidade foi sinal visível e muito revelador das pontes que o Padre Arlindo foi construindo ao longo da sua vida.

Neste dia em que fazemos memória recente do PADRE ARLINDO, e memória mais distante do CÓNEGO GUEDES COELHO, pioneiros nestes Encontros de Oração entre as nossas Comunidades, com humildade pedimos a Deus que sejamos verdadeiros construtores de pontes entre os seres humanos; que o Senhor nos faça ver, em cada rosto do nosso irmão, o rosto de Cristo, Nosso Senhor.

Que assim seja, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Ámen.

Homilia do Rev. JAIME DIAS, na celebração do Oitavário,  
na Serra do Pilar, em 18 janeiro 2024.